

SAUDAÇÃO DE ENCERRAMENTO DA SEMANA FILOSÓFICA

Marcelo Perine, S.J.

Diretor da Fac. Filosofia do CES—SJ (BH)

A celebração dos cinquenta anos da Faculdade Eclesiástica de Filosofia da Companhia de Jesus, através da Semana Filosófica que hoje concluímos, centrada na obra de um eminente filósofo que completa setenta anos de vida, convidou-nos a voltar os olhos não só para o passado, mas também para o presente da nossa situação e, isto fazendo, pôr uma questão de atualidade sobre o futuro da filosofia. Tal convite não nos convocou a um exercício de profetismo, mas ao ato eminentemente filosófico de apreensão do próprio tempo no conceito, pois se a filosofia tem um futuro, este não será outro que o futuro do nosso presente.

A questão, como disse, é de atualidade, uma vez que o nosso tempo manifesta, mesmo entre os que se interessam pela filosofia, uma certa inquietação sobre as possibilidades de legitimação dessa "velha senhora", outrora proclamada e reconhecida como a "rainha das ciências". Com efeito, a crise da filosofia tem sido proclamada em primeiro lugar pelos próprios filósofos, mas também pelos homens de ciência e até mesmo pelas pessoas comuns, quando se dão conta da ausência de evidências cientificamente comprovadas ou da falta de ordem reinante entre os filósofos e as filosofias, desde os tempos em que Tales, por caminhar contemplando os astros, caiu num fosso que estava à sua frente, conforme a conhecida anedota reportada por Diógenes Laércio (DL, I, 1).

Ao longo desses cinco dias de intenso trabalho, a questão da atualidade, da legitimidade e do futuro da filosofia apareceu, direta ou indiretamente, nas exposições e discussões de elevado nível que aqui se travaram. Os temas previstos ofereceram um campo fecundo para tal aprofundamento. De fato, as discussões sobre "Ontologia e História", "Filosofia e Cristianismo", "Ética e Cultura" e "Antropologia e História" obrigaram-nos ao confronto com a inquietante, para não usar termos mais dramáticos, desconfiança na razão que se instalou no coração da razão em nosso tempo. Saímos daqui, sem dúvida, enriquecidos e, provavelmente, mais confiantes nas possibilidades de enfrentar, razoavelmente, os desafios que se levantam à razão.

Com efeito, o conjunto dos temas apresentados e discutidos nesta Semana Filosófica, percorrendo as grandes linhas da obra do Pe. Henrique Vaz, ofereceu-nos uma oportunidade singular de realizar de maneira nova a tarefa precípua da Filosofia, inaugurada por Sócrates, segundo a conhecida frase de Cícero nas *Tusculanas* (V, 4, 10), desde os dias em que, percorrendo as ruas de Atenas e discutindo incansavelmente com seus cidadãos, fez a Filosofia descer do céu sobre a terra, instalando-a na cidade dos homens, introduzindo-a nas suas casas, e obrigando-a a considerar a vida e a moral, o bem e o mal.

A filosofia, como sabemos, não se reduz a um saber acumulado e não pode vir a sê-lo sem se tornar simples doxografia. A obra filosófica do Pe. Henrique Vaz, como pudemos constatar pelo brilhantismo das exposições e debates, é uma demonstração cabal de que a vocação primeira da filosofia, desde quando, cessados os ventos da *physis*, Platão se lançou à "segunda navegação" (*Fedon*, 99 c-d), consiste em ser uma "filosofia das coisas humanas", tal como formulou Aristóteles (*Ética a Nicômaco*, 1181 b 12). E não apenas das coisas humanas porque, no desejo de realizar a unidade do homem e da humanidade, no desejo de ver realizada a humanidade do homem num discurso em vista de uma ação razoável e por uma ação que se justifique num discurso que a acompanha e a funda, a Filosofia não pode deixar de se confrontar também com as "coisas divinas", pois, como disse Santo Agostinho, "*in interiore homine habitat veritas*" (*De Trinitate*, XIV, 7). Em última análise, o destino da filosofia na nossa grande tradição, pode ser descrito com uma metáfora extraída do maior dos romancistas mineiros: João Guimarães Rosa. O itinerário de mais de 26 séculos de amor à sabedoria, pode ser lido como a busca incansável da "terceira margem do rio", na qual, conforme a palavra do obscuro Heráclito, todos estamos e não estamos (DK 22 B 49a). As duas margens desse grande caudal da Filosofia Ocidental foram estabelecidas desde as origens pela antítese entre o grande Protágoras, para quem "o homem é a medida de todas as coisas" (DK 80 B 1), e o sublime Platão, para quem "a medida de todas as coisas é Deus

acima de tudo" (*Leis*, IV, 716c). A terceira margem, talvez, só será alcançada quando aquilo que hoje vemos por espelho for contemplado face a face.

1. ^k

Ao concluir esta Semana Filosófica, quero expressar, em nome da Faculdade Eclesiástica de Filosofia deste Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, o meu profundo agradecimento a todos os que nos honraram com a sua presença ao longo desses dias. Nossa gratidão se dirige especialmente aos expositores e debatedores que, generosamente, desde o primeiro momento, aceitaram o convite para participar desta Semana. Nosso agradecimento também se dirige aos patrocinadores deste evento: à Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Minas Gerais, na pessoa do seu Diretor Científico, o Prof. Paulo Gazzinelli; à Revista Síntese e ao seu Secretário de Redação, Sr. Jorge Peralva Abdalla; à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, na pessoa do seu Diretor, Prof. Hugo Pereira do Amaral; à Livraria Acaíaca, na pessoa do Sr. José Fiuza Guimarães; à Agência de Viagens Raptim, na pessoa do Sr. Alberto Antonini e às Edições Loyola, na pessoa do seu Diretor, Pe. Gabriel Galache, sem os quais não teríamos podido realizar esta Semana. Nosso agradecimento também se dirige à Revista Leia, na pessoa da Sra. Rita Viana, que muito nos ajudou na divulgação deste evento. Finalmente, o nosso agradecimento às Comunidades do Teologado e do Filosofado Interprovinciais da Companhia de Jesus, na pessoa dos seus respectivos Superiores, Pe. Ruiz de Gopegui e Pe. Marcelo Fernandes de Aquino, e, muito especialmente, aos estudantes jesuítas da Faculdade de Filosofia que contribuíram de maneira decisiva para o sucesso deste evento.

Finalmente, uma palavra de agradecimento ao Pe. Henrique Vaz. Todos nós sabemos que dentre as muitas virtudes que resplandecem na sua vida, brilha de modo especial a humildade. Foi, certamente, desconfortável para ele a quantidade de incômodos que lhe causei durante a preparação desta Semana Filosófica, especialmente nesses últimos dias. A tudo o Pe. Vaz reagiu com humor e com aquela benevolência que caracteriza o sábio diante das imprudências e audácias dos que ainda não têm idade para a sabedoria. Por isso quero concluir com um adágio italiano, certamente conhecido pelo Pe. Vaz, e que se aplica perfeitamente à sua vida e à sua obra filosófica: Padre Vaz, "Lei è come il vino, invecchiando diventa fino".

Muito obrigado.

Endereço do autor:
Av. Cristiano Guimarães, 2127
31710 — Belo Horizonte — MG